

A Identidade Marajoara: uma reflexão sobre a possibilidade de um Turismo Cultural no meio rural na Ilha do Marajó - Pará

Marinete da Silva Boulhosa¹

Neila Waldomira do Socorro Sousa Cabral²

Eduardo Lima dos Santos Gomes³

Resumo: O presente trabalho aborda a identidade cultural da Ilha de Marajó-Pará como elemento essencial para o desenvolvimento do turismo rural como alternativa sustentável para a Ilha, tendo em vista que este segmento passou a ser o principal da região nos últimos anos e esta é uma área de intensa pobreza, com um dos menores IDH e PIB do Estado, levando em consideração as macrorregiões. O objetivo é descrever e caracterizar o universo cultural marajoara, bem como reconhecer no turismo um importante articulador da geração de emprego e renda, e atividade capaz de contribuir para a valorização e conservação do patrimônio cultural e natural da maior ilha flúvio-marinha do mundo. A metodologia tem base na antropologia social e cultural e está articulada a um referencial teórico que possibilita a apresentação e caracterização do universo cultural como maior recurso para o desenvolvimento do turismo e alternativa para diminuição da pobreza local.

Palavras-chave: Ilha do Marajó. Identidade Marajoara. Turismo Rural.

Introdução

Os campos naturais da Ilha do Marajó no Estado do Pará foram fatores determinantes para implantação da pecuária extensiva na Ilha, que se estabeleceu já no período de colonização dessa região e se desenvolveu não em substituição ao extrativismo, nem à agricultura, mas pelas vantagens oferecidas por suas pastagens nativas, pois cerca de 99% do pasto do Marajó é natural

¹ Mestre em Antropologia, Especialista em Educação Ambiental, Gestão Pública, Planejamento e Meio Ambiente e em Ecoturismo. Bacharel em Turismo. Professora e Coordenadora da área de Hospitalidade e Lazer do Campus Belém do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA.neteboulhosa@gmail.com

² Doutora em Ciências Socioambientais, mestre em Planejamento do Desenvolvimento e Bacharel em Turismo. Professora e Coordenadora de Pós-graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA. Neilacabral@yahoo.com.br

³ Mestre em Planejamento do Desenvolvimento Sustentável, Especialista em Gestão Pública e Bacharel em Turismo. Professor Assistente II da Universidade Federal do Pará. egomes@ufpa.br

(Ximenes, 1997), característica que fez do Marajó, um importante centro pastoril no período colonial. Essas características naturais e a importância dada à pecuária concorreram para profundas alterações na região, de ordem natural, social, econômica, cultural, política, entre outras.

Assim, na medida em que vilas e povoados foram se instalando no Marajó, dando origem às cidades, os currais de gado foram surgindo nos campos da Ilha; índios, em seguida negros e depois homens pobres livres foram absorvidos pela pecuária, originando assim, o vaqueiro marajoara, que passou a compor o cenário dos campos do Marajó, na medida em que essa atividade se espalhava pela Ilha.

A história da colonização da Ilha, do estabelecimento da pecuária marajoara, é também a história desses homens, que se constituem personalidades importantíssimas no desenvolvimento dessa atividade, que instalada no período colonial, mantém-se até hoje como a principal atividade econômica da Ilha do Marajó.

Surgindo de um regime escravocrata, o vaqueiro marajoara foi se constituindo com certas particularidades, ora influenciadas pelos aspectos ecológicos da Ilha, ora pelas relações sociais estabelecidas no interior das fazendas, ora pelos aspectos econômicos de sua condição de vaqueiro. Esses fatores concorreram para a constituição de uma identidade vaqueira, que tem como traço mais representativo a própria profissão de vaqueiro. Castells (1999) informa que a identidade é um processo de construção de significado com base em um atributo cultural que se sobressai sobre outros atributos.

No caso do vaqueiro marajoara, esse atributo é a sua própria profissão, que ele usa para se autoidentificar, reforçando, assim, o que Ortiz (1994) chama de identidade *_ representação que um indivíduo tem de si mesmo, diante do outro _* Somando-se a esta identidade dada pela profissão, o vaqueiro tem ainda como elemento constituinte de sua identidade, sua religião, manifestada principalmente através da festa dos santos, que segundo Maués (1999) é fator de identidade regional do homem amazônico. São manifestações que todos os anos marcam com alegria, festa e irreverência a Ilha do Marajó. Esses dois elementos de identidade, agregados a outros arranjos culturais constituem-se no fio condutor do universo cultural marajoara.

Recentemente as atenções se voltaram para a Ilha do Marajó com mais ênfase, especialmente, por ser cenário da novela global “*Amor eterno amor*”, o que tem suscitado interpretações equivocadas e muitas críticas, além de uma pressão sobre o aceleramento de um uso turístico do lugar. Assim, acha-se pertinente a socialização de um estudo etnográfico da identidade e cultura marajoara, resultante de uma pesquisa de mestrado (Boulhosa, 2007), acompanhado de uma reflexão do turismo como indutor de desenvolvimento, tendo em vista que a cultura, em suas mais diversas manifestações, compõe, quase com exclusividade, a atratividade turística de um lugar. E, neste sentido, o turismo pode se constituir positiva ou negativamente.

O objetivo deste ensaio é apresentar e caracterizar o universo identitário cultural marajoara, bem como refletir sobre seu correto aproveitamento pelo turismo. Optou-se por um referencial teórico que articula os debates sobre cultura, identidade e turismo. Estas perspectivas teóricas dialogam diretamente com a metodologia adotada, a antropologia social ou cultural que abrange aspectos da história, economia, costumes, conhecimentos, religião, identidades, entre outros, cuja preocupação consistiu menos no levantamento sistemáticos desses aspectos, do que em mostrar as especificidades que caracterizam e particularizam cada lugar (Laplantine, 2003).

Assim, embasados nos pressupostos teóricos e metodológicos da antropologia interpretativa de Clifford Geertz (1998), tendo como principal método de investigação a etnografia, este trabalho possibilitou maior clareza sobre aspectos fundamentais da sociedade e cultura Marajoara, pois se desenvolveu baseada na posição de Lévi-Strauss (1996) afirmando que não há lugar para aventuras na profissão de etnógrafo; ela é somente a sua servidão, pesa sobre ela o trabalho eficaz com o peso das semanas ou meses, da fome, do cansaço e às vezes da doença. Nisso, pode-se dizer que as dificuldades fizeram parte da pesquisa e do aprendizado que ousamos compartilhar na reflexão sobre o desenvolvimento de um novo turismo.

Breves reflexões sobre Identidade Cultural e Turismo Rural

A identidade conceituada por Castells (1999) é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados,

o (os) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Pode-se ressaltar que a identidade de um grupo é construída socialmente, e que se constrói a partir da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, memória coletiva, aparatos do poder, etc. que processados pelo indivíduo, grupos sociais e a sociedade, reorganizam seu significado, dentro da estrutura social e na visão de tempo e espaço desta sociedade Castells (1999).

Assim, a identidade revela aspectos peculiares de um determinado grupo social: suas crenças, relacionamentos, rituais, valores, visão de mundo, fazeres, etc. que vão se moldando, se atualizando, se perpetuando e formam uma identidade particular, que é elemento constitutivo da cultura desse povo. A relação entre cultura e turismo é notada quando o turismo se apropria das práticas culturais: manifestações artísticas, artesanato, culinária entre outras, e faz dessas expressões culturais, indutores de seu desenvolvimento, o que dá origem a um tipo de turismo voltado para a cultura, que de conformidade com Molleta (1998 apud Batista, 2005: 31):

Turismo cultural é o acesso a esse patrimônio cultural, ou seja, à história, à cultura e ao modo de viver de uma comunidade. Sendo assim, o turismo cultural não busca somente lazer, repouso e boa vida. Caracteriza-se, também, pela motivação do turista em conhecer regiões onde o seu alicerce está baseado na história de determinado povo, nas suas tradições e nas suas manifestações culturais, históricas e religiosas.

Neste contexto, percebe-se que o turismo cultural no meio rural, que de conformidade com Fucks e Souza (2010), é o intercâmbio cultural produzido que gerará um conhecimento aprofundado relativo à história e às diversas manifestações da cultura do lugar. Nisso, o turismo rural é caracterizado como um segmento do turismo que desenvolve um conjunto de atividades no espaço rural e que aproveita os recursos turísticos existentes na tentativa de uma apropriação harmoniosa da cultura local.

De conformidade com Tulik (2010), justifica-se o investimento nesse segmento a partir do processo de estagnação de áreas econômicas rurais que passaram por crises agrárias no país. De fato, verifica-se que o turismo rural foi uma alternativa para alguns empreendimentos rurais que investiram em serviços de hospedagem, alimentação, entretenimento e transporte para sobressaírem de problemas financeiros decorrentes da decadência do espaço rural brasileiro.

Neste aspecto, o turismo rural tornou-se uma atividade econômica que deu outra funcionalidade, além da produção de alimentos, ao espaço rural. Tal atividade delineia um contexto de salubridade ao campo, oportunizando o aproveitamento turístico e promovendo a geração de renda aos que se ocupam com as atividades agrícolas, bem como aos residentes locais do meio rural.

A Ilha do Marajó entre encantos, problemas e perspectivas

A ilha do Marajó está localizada na região norte do Brasil e na porção nordeste do Estado do Pará, na foz do rio Amazonas e está a cerca de 80 km de distância da capital paraense. Com uma área de 49.606 Km², formada por 12 municípios, a ilha do Marajó é a maior do arquipélago marajoara. A Ilha está dividida naturalmente em duas grandes regiões. A leste tem-se as regiões dos campos naturais e na parte oeste, região dos furos, onde está a densa floresta.

Por sua dimensão e diversidade, tanto natural como cultural, é possível falar não de um Marajó, mas de vários, pois como salienta Romero Ximenes, o Marajó não é uma só coisa. *Tem o Marajó dos campos, o Marajó dos lagos, o Marajó oceânico, o das ilhas menores. O Marajó que se relaciona mais com Amapá, como em Mexiana e Caviana. São vários Marajós* (XIMENES, 2005).

Há, portanto, o Marajó de muitas gentes, das populações ribeirinhas, dos pescadores de rio, lago e mar, dos canoeiros. Há o Marajó das populações agrícolas, dos roceiros de mandioca, dos extrativistas. Há o Marajó dos vaqueiros, dos grandes fazendeiros e, há ainda, o Marajó da população urbana, das cidades históricas, cuja origem remonta ao período colonial.

A ilha do Marajó possui destaque especial no Estado, no ponto de vista econômico, natural e turístico. No ponto de vista do turismo a ilha oferece diversos rios, praias, fauna e flora de grande diversidade, vastos campos naturais, zonas de florestas primárias e fazendas como São Jerônimo, Bom Jesus, Sanjo, entre outras, que associam a pecuária ao turismo ecológico e rural que se espalham por toda a ilha. Esses recursos naturais são completados com a riqueza da cultura marajoara, manifestada através de suas crenças, gastronomia, danças, músicas, artesanatos e cerâmica de valor arqueológico conhecida mundialmente.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

Porém, não obstante a importância da produção pecuária da ilha do Marajó e de seus reconhecidos e vastos recursos turístico, pesqueiro, madeireiro, frutífero, de grãos, arqueológico, entre outros, a região sofre com choques paradoxais, pois ao lado desses recursos naturais e culturas, o Marajó vive um drama social e econômico marcado pela pobreza, analfabetismo e exclusão social em seus mais diversos sentidos.

Em termos econômicos é possível afirmar que a economia no Marajó encontra-se estagnada, pois é praticamente a mesma desde a colonização, sem apresentar grandes processos de modernização, o que contribui para o agravamento da situação de pobreza do povo. Dados levantados pelo IBGE em 1998 indicaram que cerca de 90% da população é pobre, vivendo muitos, em situação de miséria absoluta. Dados do IBGE de 2010 revelam que essa situação se mantém, pois do total da população de 482.285 habitantes, 180.048 estão em situação de extrema pobreza.

No que diz respeito à educação, a realidade não é diferente, há na região altas taxas de evasão e repetência, principalmente entre as crianças de 7 a 14 anos de idade. As precárias condições de transporte às escolas, a questionável qualidade do ensino, a ausência de profissionalização são fatores que agravam ainda mais esta situação.

Porém, o pior aspecto da educação no Marajó é representado pelas altas taxas de analfabetismo e o baixo grau de escolaridade. Dados do Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil - PNUD/ IPEA e IBGE, publicados em 1998 causaram grande polêmica e assombro, quando identificaram está no Marajó, especificadamente nos municípios de Melgaço e Anajás, as maiores taxas de analfabetismo do Estado, sendo Anajás o município com maior índice de analfabetismo do Brasil, com cerca de 76,1% das crianças fora da escola.

Diante dos dados revelados naquele ano, o governo do Estado iniciou várias ações no sentido de mudar a realidade socioambiental da grande ilha. Entre essas ações ocorreu a inclusão do turismo como atividade econômica que poderia contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população local. Essa valorização do turismo refletia, na época, a mudança da base produtiva do Estado, que naquele ano introduziu o turismo, como importante elemento para promover o desenvolvimento sustentável regional.

O município de Soure no Marajó foi escolhida com uma das cidades com “vocação natural” para o turismo. A partir da  uma infraestrutura turística foi criada. Por essa razão Soure é a cidade que oferece a melhor estrutura turística da Ilha do Marajó, embora o turismo que se implantou ali destoe drasticamente de uma proposta sustentável e ao contrário do que se almejava a nova atividade trouxe mais pobreza e degrada o socioambiental, cultural e econômica, como afirmam os estudos de Figueiredo (1999).

Marajó: descrevendo e caracterizando uma cultura centenária

A etnografia foi o método descritivo e qualitativo utilizado que gerou a possibilidade de uma constru o fidedigna de um resultado aproximado do que seja uma cultura centenária a ser pensada para a formula o de um turismo no espaço rural que incluia a figura do ator social “Vaqueiro Marajoara” como expoente de uma identidade capaz de gerar o pertencimento ao lugar turístico e, conseqentemente, a promo o de um posto de trabalho digno de enaltecer a cultura do vaqueiro do Marajó. Abaixo, apresentam-se os resultados dialogados com a realidade do marajoara a partir da compreensão do olhar e do ouvir no campo de pesquisa.

Compreende-se que a popula o nativa da ilha do Marajó, influenciada pelos aspectos históricos da ocupa o e coloniza o da região, com a presença do  ndio, do negro e do branco, ao lado dos fatores socioecon micos e ecológicos da Ilha, constituiu-se com uma cultura e identidade singular. Partindo da premissa que toda identidade   construída, Castells (1999) indica também que quem a constrói são os determinantes do conteúdo simbólico, ou seja, o conteúdo representativo dessa identidade e seu significado para aqueles que com ela se identificam ou se excluem.

Lima (1999) ao tratar de identidades no contexto amazônico, destaca que as popula es rurais na Amazônia encontram formas de se auto-designarem e de afirmarem suas identidades a partir de vários atributos como, a ecologia do povoamento, a residência comum, o status do parentesco, a religião, o nome, entre outros. No Marajó a identidade se manifesta a partir de vários elementos: na atividade econômica, na rela o com o ambiente natural, na profissão, na

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

religião, nas relações de compadrio, nas práticas culturais manifestadas através das danças, crenças, tabus, etc. que particularizam e o universalizam o homem marajoara.

Os fatores naturais e históricos do Marajó, juntamente com os elementos da identidade marajoara, que se constituem em importantes expressões culturais, podem ter no turismo um valioso veículo para seu resgate, valorização, divulgação e promoção, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos povos receptores de fluxos turísticos.

A seguir, são apresentados os principais elementos constitutivos da cultura marajoara que podem ser utilizados pelo turismo no espaço rural local: **a) As fazendas marajoaras** surgem no

século XVI quando o Brasil ainda era colônia de Portugal e tinham como características os grandes latifúndios e uso de mão-de-obra escrava. Na Ilha do Marajó, a ocupação desses latifúndios se intensificou com a fixação das ordens religiosas dos jesuítas e dos mercedários que inicialmente ocuparam a Ilha para colonizar e catequizar os índios. Mas a expansão dos religiosos os tornou grandes proprietários de terras e os consagrou como pioneiros na pecuária da ilha; **b) O vaqueiro marajoara** que montado em um cavalo marajoara (foto 01), com o corpo ligeiramente inclinado para trás, a camisa aberta ao vento, calça enrolada até metade da perna, chapéu de palha enfiado na cabeça, pele curtida pelo sol, com apenas os dedões dos pés enfiados no estribo do cavalo, correndo pelos campos a tocar o gado branco e o búfalo. Este certamente é um dos personagens mais conhecidos do Marajó: o vaqueiro marajoara (BOULHOSA, 2007)



FOTO 01 – Vaqueiro marajoara.
FONTE: Boulhosa, 2007.

O vaqueiro marajoara é quase um ícone do Marajó, pois é a figura humana mais propagada e conhecida da Ilha. Ao folhear uma revista de turismo, ao navegar pela internet, ao abrir um folder ou ver um cartaz, fotografia, reportagem ou livros sobre o Marajó, ou ainda ao indagar às

pessoas sobre o que lhe vem à mente ao falar de Marajó, pode-se constatar que a figura do vaqueiro é quase presença absoluta.

Miranda Neto (2005) salienta que ao se pensar numa Ilha, a primeira imagem que pode aflorar na mente é a de um pescador ou barqueiro, porém, as características naturais da região leste da Ilha, por onde a colonização foi iniciada, propiciou o desenvolvimento da pecuária como principal atividade econômica e ofereceu o ambiente favorável para a formação de um novo tipo humano na Ilha: o vaqueiro, que se originou primeiramente dos índios e, historicamente, consolidou-se como um dos tipos característicos da Ilha do Marajó, pois na medida em que a atividade pecuária foi se consolidando, a figura do roceiro, coletor e do pescador, foi dando lugar a do vaqueiro marajoara.

O vaqueiro do Marajó foi constituindo-se com certas peculiaridades, influenciadas pelas características ambientais do Marajó, pelas relações estabelecidas nas fazendas e pelo próprio dinamismo cultural que se desenvolveu na Ilha. Assim, com seus traços mestiços, oriundos da miscigenação entre índios, brancos e negros, apresenta elementos que lhe garantem certa tipicidade no traje, na montaria, na dinâmica do trabalho, no relacionamento entre seus pares e o com os fazendeiros.

Essas particularidades concorreram para que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, na Série Tipos e Aspectos do Brasil (1949), na descrição de Lúcio Soares, apresentasse o vaqueiro marajoara, como o tipo humano típico da Ilha do Marajó.

Os elementos caboclo, mulato e negro constituem maioria da população vaqueira de Marajó, entrando o branco com um coeficiente reduzido.

O tipo étnico característico do peão de Marajó é o caboclo, mestiço de branco e índio, com predominância deste último sangue. A vida do vaqueiro de Marajó está intimamente ligada à vida da fazenda, trabalhando unicamente para o fazendeiro, do qual recebe, além do salário, casa e alimentação.

Na sua faina diária o vaqueiro usa uma vestimenta sóbria, composta de camisa e calça de pano claro, que lhe permite liberdade de movimentos e defesa contra o clima quente e úmido.

Seu chapéu é feito de palha, de traçado muito unido, de abas largas e planas, tendo a copa achatada como medida de defesa contra a ação dos raios solares e como impermeabilizante à água da chuva.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

No período das cheias o vaqueiro serve-se do boi como montaria (“boi-cavalo” ou “boi de sela”) para atravessar os alagados, o que constitui uma nota pitoresca dos costumes marajoaras (SOARES, 1949:29).

Numa visão impressionística, o vaqueiro marajoara é alegre, brincalhão e solidário; sobre o cavalo, que ora ele monta com sela, ora no osso, o vaqueiro mostra toda a sua habilidade, lançando o gado de cima do animal correndo no campo, uma habilidade que ele vai aprimorando, às vezes, desde criança. Seu traje é simples, ora influenciado pelas questões ecológicas da Ilha, ora pelos fatores de ordem socioeconômica, que acabaram por particularizar o vaqueiro marajoara. Comparando-o com outros vaqueiros considerados tipos regionais do Brasil, percebe-se que ele não possui no traje, certa teatralidade semelhante ao do vaqueiro nordestino e do vaqueiro gaúcho, no dizer de Nunes Pereira (1956).

O vaqueiro marajoara conhece os campos da ilha como ninguém e contribuiu fundamentalmente para o desenvolvimento da pecuária no Marajó. Foram os vaqueiros, nos campos de Marajó, na labuta com o gado, em tempos de seca ou chuva, numa atividade que revela riscos, mas também beleza, que fizeram a riqueza de muitos fazendeiros locais e que tem muito a comunicar desse universo marajoara formado por campos, fazendas e currais;

c) A cerâmica marajoara possui destaque, cuja origem e influência estão nos achados arqueológicos da fase de ocupação marajoara. Galvão (1979) e Schaan (1996) destacam em seus estudos as urnas funerárias, as tangas de cerâmica, as estatuetas e as formas decorativas que apresentam grande diversidade de formas, com predominância de duas ou três cores que externalizam a arte marajoara. Essa cerâmica de origem arqueológica influenciou a produção atual da cerâmica na ilha, que se apresenta como cópia e réplica da arqueológica, configurando-se como um resgate de identidade a partir da produção desses objetos, que se designam como cultura marajoara, sendo hoje um dos principais expoentes dessa, cuja comercialização encontra-se em escala internacional;

d) A dança do carimbó é uma dança de roda, que reúne homens e mulheres que dançam soltos. A dança é acompanhada de música, com o som do carimbó, tambor de tronco de árvore cavada, com uma das aberturas recoberta com couro bem estendido. O carimbó tem forte

influência da cultura negra que provêm do encontro entre os negros com a cultura dos povos amazônicos e das danças portuguesas (Salles & Salles, 1969).

Ressalta-se que no Estado do Pará o carimbó tem maior manifestação na litoral norte paraense e na ilha do Marajó, onde idosos, jovens e crianças se organizam em grupos para dançarem o carimbó, que se configura como lazer, mas também e principalmente, como expressão da cultura popular. No carimbó, o mundo marajoara e cultura do povo são demonstrados nas letras das músicas, que falam das lendas, dos mitos, das estórias e da vida do homem marajoara;

e) Religiosidade: a festividade de São Sebastião de Cachoeira do Arari: A religiosidade, com predomínio do catolicismo, sem perder de vista as outras concepções religiosas, é algo marcante na vida do homem amazônico, onde as festas de santos fazem parte da vida das cidades da região. Essas festas de santo cumprem uma função essencial na vida do homem amazônico, nos quais os santos, ou melhor, suas imagens, assumem um caráter divino.

Dentre as festas de santos realizadas no Marajó, a festividade de São Sebastião em Cachoeira do Arari destaca-se no calendário festivo da Ilha, como uma das maiores manifestações em homenagem a este santo no Marajó, no Estado do Pará e possivelmente no Brasil. Os preparativos para festa iniciam em junho e finalizam em janeiro com a derrubada dos mastros.

f) Museu do Marajó Padre Giovane Gallo: o Museu surgiu em 1972, na cidade de Santa Cruz do Arari, quando Giovanni Gallo começou a estudar a cultura marajoara e a colecionar peças arqueológicas da cerâmica marajoara que eram facilmente encontradas pelos quintais e margens do lago, uma vez que a região de Santa Cruz corresponde a uma importante área de sítios arqueológicos no Marajó. O museu atualmente está localizado em Cachoeira do Arari, cidade próxima à Santa Cruz. Duas particularidades fazem do Museu do Marajó um museu diferente e único: a) um museu interativo que se diferencia das formas tradicionais existentes por permitir a comunicação direta e o contato com os objetos representativos do acervo, tornando-se um convite a interagir com a história e cultura do lugar; b) um museu que valoriza o homem marajoara que na declaração de Gallo (1996) é a peça mais importante. Assim, tendo como referência o homem, e nesse caso o homem marajoara, o Museu tem a preocupação de comunicar a vida, a lida, o mundo desse homem que vive nos campos, nas margens dos rios, nas

floretas da grande ilha. É o próprio Gallo que afirma que fora as peças arqueológicas (cerâmicas originais), o resto são “coisinhas banais”, porém atrás delas está o homem marajoara com sua forma de ver o mundo. Assim, ao visitar o Museu do Marajó, o visitante tem a oportunidade de entrar em contato com o mundo do homem marajoara, e compreender parte desse universo.

Algumas considerações

Como foi descrito, o universo marajoara possui um amplo e complexo sistema cultural. Observou-se durante o exercício etnográfico que a figura do homem marajoara representado pelo “vaqueiro marajoara” constitui-se como o símbolo maior da identidade que articula os demais elementos culturais na construção de uma imageabilidade característica da região.

Desta forma, evidencia-se a necessidade da valorização da cultura local (as manifestações artísticas e culturais) da ilha do Marajó a fim de incentivar a formatação de um produto de turismo condizente com a realidade local. Nisso, pode-se perceber que tal produto de turismo a ser (re) delineado no espaço rural do Marajó deve ter a preocupação nítida em não descaracterizar ou vulgarizar a cultura local, principalmente as descritas na pesquisa, em meros roteiros de “espetacularização” turística, onde a apropriação do estético e do cultural são fetiches da produção da mercadoria turística. Ouriques (2005) ressalta esse processo de transformação da paisagem e da cultura em fetichismo para a mais valia do capital personificado.

Assim, a valorização do conhecimento tradicional das comunidades, onde a cultura marajoara é marcada pelo acúmulo do saber sobre o habitat natural, traduz um etnoconhecimento que marca a vida do homem marajoara e não pode ser desconsiderado em face do conhecimento científico e menos ainda no desenvolvimento do turismo rural latifundiário marajoara.

Acredita-se que esse etnoconhecimento do saber do marajoara seja a perspectiva mais evidente de um novo delineamento do turismo rural, uma vez que essa valorização possibilitará a reafirmação e o fortalecimento dos valores culturais gerando a sustentabilidade sociocultural com propensão à ambiental.

Nisso, o arranjo produtivo local do turismo se ampliará com a possibilidade da promoção de geração de postos de trabalho dignos que fortaleçam a identidade cultural local, assim como a qualificação e absorção de capital humano local para que o turismo rural no Marajó seja sustentável e inclusivo na certeza de contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população “acolhedora” marajoara, uma vez que há uma visível exclusão da cultural local como elemento diferenciador na ampliação desse segmento de turismo que historicamente foi construído em cima da propriedade rural latifundiária do Marajó.

Referências

- Batista, C. M. (2005). *Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural*. Rio de Janeiro, RJ: Caderno Virtual de Turismo. v. 5, n. 3, p. 27-33.
- Boulhosa, M. S. (2007). *Entre a sela e o santo: um estudo sobre a identidade do vaqueiro marajoara*. Dissertação de mestrado. Belém, PA: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. UFPA.
- Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. 3ª ed. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Figueiredo, S. J. de L. (1997). *Turismo e cultura: mudança cultural em Soure (Marajó-Pará) em decorrência da exploração do ecoturismo*. (dissertação de Mestrado). Belém, PA: UFPA/NAEA/PLADES.
- Fucks, P. M., Souza, M. de. (2010). Turismo no espaço rural e preservação do patrimônio, da paisagem e da cultura. In: Santos, E. de O., Souza, M. de. (Org). *Teoria e prática do Turismo no espaço rural*. Barueri, SP: Manole. (p. 96-108).
- Gallo, G. (1996). *O homem que implodiu*. Belém, PA: Secult.
- Geertz, C. (1998). Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In. *O saber local, novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- IBGE. (2010). Censo Demográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, RJ: IBGE
- Laplantine, F. (2003). *Aprender antropologia*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Lévi-strauss, C. (1996). *Tristes trópicos*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Lima, D. de M. (1999). *A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações no meio rural amazônico*. Belém, PA: Novos Cadernos do NAEA, Vol.2, n.2, pp. 5-32.
- Maués, R. H. (1999). *Uma outra “invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades*. Belém, PA: Cejup.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

- Miranda Neto. (2005). *Marajó: desafio da Amazônia*. 3ª ed. rev. e atual. Belém, PA: Edufpa.
- Moleta. V. F. (1998). *Turismo Cultural*. Porto Alegre, RS: SEBRAE.
- Nunes Pereira, M. (1956). *A ilha de Marajó: estudo econômico-social*. Rio de Janeiro, RJ: Série. Estudos Brasileiros. n.º 8 Ministério da Agricultura..
- Ortiz, R. (1994). *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5ª. ed. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Ouriques, H. (2005). *A produção do turismo: fetichismo e dependência*. Campinas, SP: Alínea editora.
- PNUD, IPEA, FJP, IBGE. (1998). *Desenvolvimento humano e condições de vida: indicadores brasileiros*, Brasília, DF: 1970– 1991.
- Salles, V. Salles, I. M. (1969). *Carimbó: trabalho e lazer do caboclo*. Revista Brasileira de Folclore. Rio de Janeiro, RJ: v.9, n.25, set/dez.
- Schaan, D. P. (1996). *A linguagem iconográfica da cerâmica marajoara*. Porto Alegre, RS: Dissertação de mestrado. Curso de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul..
- Soares, L. de C. (1949). *Vaqueiro de Marajó*. In: *Tipos e aspectos do Brasil*. Brasília, DF: 5ª ed. IBGE, 1949.
- Tulik, O. (2010). *Turismo e desenvolvimento no espaço rural: abordagens conceituais e tipologias*. In: Santos, E. de O., Souza, M. de. (Org.). *Teoria e prática do Turismo no espaço rural*. Barueri, SP: Manole. (p. 02-22).
- Ximenes, R. (2005). *Marajó não é a Terra do já teve*. Lílian Leitão. (Entrevista) *Amazônia em outras palavras*. Belém, PA: Rev. Teológico Pastoral/Instituto de Pastoral Regional. no 13.
- Ximenes, T. (1997). *Uma oportunidade de análise do desenvolvimento sustentável – a pecuária no Marajó*. In: Ximenes, T. (Org). *Perspectivas do desenvolvimento sustentável: uma contribuição para Amazônia 21*. Belém, PA: NAEA/UFPA/SUDAM.